

# Crise Ambiental e literatura em José Saramago

## Environmental Crisis and literature in José Saramago

Daniel Vecchio Alves

*Possui formação interdisciplinar nas Ciências Humanas: é Doutor em História pela UNICAMP, onde foi pesquisador do CNPq. É Mestre em Estudos Literários e Licenciado em História pela UFV, onde foi pesquisador da CAPES. Possui também formação na área educacional, com especialização em Docência no Ensino Superior pelo SENAC-SP e com mestrado em Educação e Tecnologias Digitais pela ULISBOA. Atualmente, é pesquisador de Pós-Doutorado em Estudos Literários pela UFRJ, com bolsa da FAPERJ/Pós-Doutorado Nota 10. Email: danielvecchioalves@hotmail.com*

### Resumo

*O presente estudo, ainda que sucinto, objetiva demonstrar a importância que José Saramago atribuía à preservação e ao respeito aos animais a partir de suas obras literárias, de seus diários e de suas entrevistas. Desse modo, ao fazermos a intervenção literária de Saramago voltar para tais questões, foi possível concluir pela imediata mudança nas atitudes humanas, com a necessidade de transformar nossas próprias ações para evitar atos desrespeitosos e destrutivos que tiram a vida de animais, destrói biomas e assoreia rios, como muito bem nos alertou Saramago ao observar que as mazelas ambientais fizeram com que o rio despoluído, as figueiras e as oliveiras centenárias, bem como os lagartos de sua Azinhaga natal sobrevivessem apenas em sua memória.*

### Palavras-Chave

*Saramago, Literatura, Flora, Fauna.*

### Abstract

*The present study, although succinct, aims to demonstrate the importance that José Saramago attributed to the environmental preservation and respect for animals from his literary works, his diaries and his interviews. In this way, when we make Saramago's literature return to such questions, it was possible to conclude that there is an immediate need for changes in human attitudes, in order to transform our own actions to avoid disrespectful and destructive acts that take the animals lives, destroy biomes and silting rivers, as Saramago well warned us when he observed that the environmental ills make the unpolluted river, the fig trees and the century-old olive trees, as well as the lizards of his native Azinhaga, survived only in his own memory.*

### Keywords

*Saramago, Literature, Flora, Fauna.*

## 1-Saramago: a maior flor do mundo

Como um rio que dá muitas voltas ao mundo, José Saramago corre pelas nossas veias, banhando muitas margens. Amigo incondicional da natureza, a importância que o escritor português dedicou à sua preservação tem sua razão de ser a partir do seu próprio nome. Com a alcunha de Saramago, assim ficou conhecida sua família entre os grupos de Azinhaga e região, na província do Ribatejo:

[...] esse Saramago não era apelido do lado paterno, mas sim a alcunha por que a família era conhecida na aldeia. Que indo o meu pai a declarar no Registo Civil da Golegã o nascimento do seu segundo filho, sucedeu que o funcionário (chamava-se ele Silvino) estava bêbado (por despeito, disse o

acusaria sempre meu pai), e que, sob os efeitos do álcool e sem que ninguém se tivesse apercebido da onomástica fraude, decidiu, por sua conta e risco, acrescentar Saramago ao lacónico José de Sousa que meu pai pretendia que eu fosse (SARAMAGO, 2006, p. 43).

O mais curioso nesse ponto são as características que vieram a se tecer entre a planta e o que veio a ser o aclamado escritor, bem como suas personagens. Saramago é uma planta muito frequente em Portugal, sendo bastante resistente e considerada a erva dos campos e pastagens, ou seja, uma “erva-daninha” em várias culturas, como os personagens marginais e errantes do escritor. Tal planta herbácea de período anual possui raiz (identitária) muito dividida e grossa. O seu caule é ereto (posicionado rigidamente no presente) com ramos ascendentes (amparados no passado). As suas folhas são alternadas com margens irregularmente serreadas e onduladas, de textura áspera, encontrando-se suspensas num caule delicado (FAROLECO, 2014).

Quanto às inflorescências do Saramago, são cachos que podem apresentar dezenas de flores, compostas por quatro pétalas dispostas na forma de cruz, cuja vertente extremista José tanto criticou durante a vida. A sua floração ocorre, normalmente, de abril a novembro (data de nascimento). O seu fruto é alongado, ascendente, reto ou curvo, apresentando uma coloração verde quando jovem e acastanhada na fase madura. Temos, nessas formas delineadas, a plena circularidade de imaginações, emoções e ações que se fazem sentir a cada obra e personagem desse escritor que coerentemente leva o mesmo nome de tão apropriada planta: “a água que a criança de pé descalço fazia subir do poço transmutou-se, fluiu no longo rio de muitos relatos e desaguou, sempre viva e sempre cristalina, nas histórias que o escritor nos contou, [...]” (REIS, 2015, p. 45). Em íntima e representativa relação com o meio ambiente, Saramago cresceu brincando por entre os canaviais de Azinhaga e no rio Almonda, e hoje parte de suas cinzas jazem sob a Oliveira (árvore típica de sua região natal) plantada na frente da Fundação José Saramago, em Lisboa.

Diante dessas breves observações, já é possível descortinarmos algumas das fortes ligações desse importante escritor de língua portuguesa com o meio ambiente. Sendo assim, veremos adiante que, de José Saramago, fica-nos um legado inestimável e fundamental sobre a necessidade de sincronia entre desenvolvimento e preservação, aspectos que acabam por refletir em sua biografia, em toda sua literatura, enfim, em suas palavras proferidas em todos os cantos do mundo. Portanto, em meio a uma floresta de Saramagos e, sobretudo, com o Saramago, exploraremos, nos próximos tópicos alguns entendimentos sobre o princípio de uma consciência ambiental exemplar do autor, cuja crítica sempre deve estar presente entre nós.

## 2-O melhor amigo dos cães

O cão, com mais de oito séculos de maus tratos no sangue e na herança genética, levantou de longe a cabeça para produzir um ganido lamentoso, uma voz exasperada e sem pudor, mas também sem esperança, pedir de comer, ganindo ou estendendo a mão, mais do que degradação sofrida de fora, é renúncia vinda de dentro (História do Cerco de Lisboa).

Os cães são, de fato, os animais mais domesticados pelo ser humano na história; prática essa que foi iniciada há mais de 20.000 anos no Oriente Médio, a partir de grupos de lobos-cinzentos (*Canis lupus*) (BERTOLUCI, 2020). Tal domesticação já era registrada em pinturas rupestres, o que aponta que a prática de caçar com os cães, por exemplo, era uma habilidade desenvolvida desde a Antiguidade.

Diante de uma relação tão histórica, é possível extrair da prosa de ficção de José Saramago a compaixão que o autor expressava pelo sofrimento dos cães, tentando entender a causa desses sofrimentos. Para o escritor, a compaixão pelos animais “independe de qualquer tipo de religiosidade e, pelo contrário, a ausência de compaixão, a indiferença pelo sofrimento alheio a até mesmo a crueldade podem, paradoxalmente, estar relacionadas a algum tipo de crença religiosa” (BERTOLUCI, 2020, p. 316).

De forma bastante evidente, os cães parecem ser os animais prediletos de Saramago, pois tais animais possuem presença marcante tanto em sua vida quanto em suas criações literárias: “Quando nos *Cadernos de Lanzarote* eu me pergunto onde acabam meus cães e onde começo eu, ou onde eu acabo e onde começam eles, no fundo tem, não sei, muito a ver com uma espécie de sentimento panteísta, de que não falamos” (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p. 38).

Cabe ressaltar que esse amor de Saramago pelos cães aconteceu bem tarde em sua vida, pois o pequeno José teve na infância algumas experiências negativas com cães: “Eu não tinha nenhuma paixão por cães. Quando era pequeno, lá na aldeia, tive duas ou três experiências muito violentas. Até há poucos anos não conseguia escapar a um certo medo do cão. Foram experiências de susto autêntico que não quero nem lembrar” (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p. 71). Saramago nos descreve um desses episódios, dignos de nota, em seu romance autobiográfico *As pequenas memórias*:

Porquê este meu temor aos cães? [...]. O receio, que hoje ainda, apesar de algumas harmoniosas experiências vividas nos últimos tempos, mal consigo dominar quando me vejo perante um representante desconhecido da espécie canina, vem-me, tenho a certeza, daquele pânico desabalado que senti, teria uns sete anos, quando, ao princípio da noite, candeeiros públicos já acesos, dispondo-me eu a entrar no prédio da Rua Fernão Lopes, ao Saldanha, onde convivíamos em arranjo doméstico com outras duas famílias, se abriu de repente a porta e por ela desembestou, como a pior das feras malaias ou afrincanas, o lobo-d’alsácia de uns vizinhos que, imediatamente, para honrar o nome que tinha, começou a perseguir-me atroando os espaços com os seus latidos furiosos, enquanto o pobre de mim, desesperado, fitando-o atrás das árvores o melhor que podia, gritava que me acudissem. [...]. Graças à agilidade das minhas pernas de então, o animal não chegou a alcançar-me, menos ainda a morder-me, ou não seria essa a sua intenção, o mais provável é que ele próprio se tivesse assustado quando lhe apareci inesperadamente à entrada da porta. Tivemos medo um do outro, foi o que foi (SARAMAGO, 2006, p. 21).

Todavia, depois de muitos anos, já morando em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, um cão apareceu à porta de sua casa, o que veio a se suceder mais algumas vezes. Esses encontros mudaram definitivamente as relações de Saramago com os animais da espécie canina. Segundo, Pilar Del Río, os cães que chegaram à sua porta

Tinha fome e sede. Demos-lhe água e comida, e deixámo-lo. Voltou poucas horas depois e olhou para nós. Então dissemos-lhe: ‘Entra, encontraste a tua casa’. Não foi o único. Outros dois, cada um por seu lado, vieram perguntar se a casa também estava aberta para eles. Dissemos-lhes que sim. Chamam-se, por ordem, Pepe, Greta e Camões. São os nossos cães, e está tudo dito (DEL RÍO, 2012, p. 45).

Esse último cão recebera nome do famoso poeta por ter aparecido na casa do escritor quase no mesmo momento em que Pilar lhe informava sobre a conquista do prêmio Camões de literatura. Ademais, Saramago tinha tanta compaixão por seus cães a ponto de confessar

sua imensa dor quando teve de enfrentar a morte de Pepe, o mais velho: “Eu não imaginava que se pudesse chorar por um cão como eu chorei” (AGUILERA, 2010, p. 71). Saramago sempre fazia o exercício de perceber, em seus cães, sobretudo em Pepe, manifestações autenticamente humanas: “Não sei se os cães têm só instinto, se é lícito designar por manifestações de inteligência propriamente dita (e isto que quererá dizer?) certos seus procedimentos correntes. Do que não pode haver dúvidas é de que Pepe esteja superiormente dotado do que chamamos sensibilidade, [...]” (SARAMAGO, 1997, p. 295).

As relações carinhosas de Saramago com seus cães estão registradas em muitas das páginas dos *Cadernos de Lanzarote*, como naquele dia 22 de agosto de 1994, em que

Pela primeira vez em tanto subir e descer de avião, pudemos ver, do alto, a casa. [...], só tínhamos o Pepe a receber-nos. O pobre animal nem podia acreditar que estávamos ali. Saltava de um para outro, enroscava-se nos nossos braços. Gemia de um modo quase humano, e diabos me levem se não eram lágrimas, das autênticas, o que víamos correr-lhe dos olhos. A este cão, com perdão da vulgaridade, só lhe falta falar (SARAMAGO, 1997, p. 259).

Nesse sentido, é notável que o escritor parecia ser amado pelos cães na mesma medida, conforme nos conta Pilar Del Río:

Quando o cão chamado Camões regressou a casa depois da morte de José Saramago, não conseguiu aceitar a ausência. Esteve inquieto durante o dia, mas quando chegou a noite e não viu o dono nem na cama nem no sofá que ocupava habitualmente, quando uma e mil vezes percorreu o espaço entre os dois quartos, quando percebeu que o dono já não estava nem ia estar, que isso é a morte, uivou, gritou, rasgou-se numa dor que arranha a alma só de descrevê-la. Não bastaram abraços para consolá-lo, nem palavras carinhosas: ia e vinha de um lugar para outro, numa correria que partia o coração, gemia com uma dor humana. Por isso, um amigo que estava lá em casa e ali passou a noite, intitulou no dia seguinte a sua coluna jornalística: “Camões chora por Saramago” (DEL RÍO, 2012, p. 45-46).

Como já mencionado, Pepe foi o primeiro cão de Saramago a morrer, em 2002, quando o escritor se encontrava em Lisboa. Greta morreu três anos depois. Camões, o único que sobreviveu a Saramago, morreu em agosto de 2012: “A morte de Camões foi notícia em jornais de todo o mundo, talvez porque Saramago soube fazer personagens literários de primeira ordem a partir de animais que, para outros, seriam simplesmente errantes e vadios” (DEL RÍO, 2012, p. 46).

Após uma experiência mais harmônica com os cães em Lanzarote, Saramago passa a incluir mais a espécie em muitos de seus livros, como o cão Achado de *A Caverna* e o cão das lágrimas do *Ensaio sobre a Cegueira*. Porém, antes mesmo de ter tal experiência íntima com seus animais em Lanzarote, Saramago já marcava suas obras com a presença efetiva dos cães, como o cão Constante de *Levantado do Chão* e o cão das escadinhas de São Crispim de *História do Cerco de Lisboa*, antes, portanto, de Pepe, Greta e Camões terem aparecido.

Cabe ressaltar, desde já, que “[...], o cão surge no espaço ficcional saramaguiano quer como personagem, quer como processo de caracterização da realidade ficcional ou como sinónimo do ponto de vista do narrador” (DUARTE, 2012, p. 42). Sua estreia como personagem é em *Levantado do Chão* (1980), o primeiro de um ciclo longo de romances: “E à frente, dando os saltos e as corridas da sua condição, vai o cão Constante, podia lá faltar neste dia levantado e principal” (SARAMAGO, 2012, p. 304). Nesta obra conhecemos o cão Constante, cujo nome seja talvez uma forma de revelar a presença sempre garantida desse animal na vida humana, assim como nas obras subsequentes do escritor, o que vem a ocorrer muito explicitamente no romance *A Jangada de Pedra*, de 1986.

Nessa obra de 86, um dos personagens atribui ao cão francês Ardent o nome de Constante, como se pode ler no seguinte excerto: “[José Anaíço] propôs que fosse dado ao cão o nome de Constante, tinha lembrança de haver lido esse nome num livro qualquer” (SARAMAGO, 2010, p. 254). Além do cão Ardent, há neste romance a marcante presença do Cérbero, o cão mitológico de três cabeças a proteger a fronteira pirenaica que estava a se descolar do continente europeu: “Em Cerbère, bem perto dali, as pessoas, correndo para a rua premonitoriamente como o tinham feito os seus cães, diziam umas para as outras, Estava escrito, quando eles ladrassem acabava-se o mundo, [...]” (SARAMAGO, 2010, p. 28).

Depois de Ardent, o próximo cão representado por Saramago surge em *História do Cerco de Lisboa*, de 1989. Já nas primeiras páginas desse romance, o revisor protagonista do livro, Raimundo Silva, critica o historiador não identificado e cujo livro está revisando, por este sugerir em sua obra a incoerente presença de cães na Lisboa medieval moura: “[...] ele sabe que o cão, para os árabes, é impuro animal, como o é também o porco, sendo, portanto, demonstração de crassa ignorância supor que os mouros de Lisboa, tão zelosos, estariam vivendo paredes meias com a canzoada”, ressaltando ainda que “Chiqueiro à porta de casa e casota de mastim ou açafate de fraldiqueiro são invenções cristãs” (SARAMAGO, 1989, p. 22).

O narrador de Saramago, por sua vez, lamenta essa relação ofensiva com os cães por parte dos mouros: “[...], se realmente assim é, faz pena não poder contar mais com a graça de um cão a ladrar à lua ou coçando a orelha atormentada de carraças” (SARAMAGO, 1989, p. 22). Diante dessa inimizade milenar entre muçulmanos e cristãos, acirrada pela Lisboa sitiada no ano de 1147, não faltam, no romance, [...], todas as combinações de xingamento usando as imagens caninas, tendo em vista que muçulmanos chamavam os cristãos de perros: “os muçulmanos chamam perros aos guerreiros da cruz, e muita sorte que não lhes tenham chamado cerdos, pelo menos não consta” (SARAMAGO, 1989, p. 22); e os cristãos chamavam os muçulmanos de cão: “os fidalgos portugueses que aí vêm... ao mais cruel adversário não escolhem pior palavra para chamar-lhe, Cão, dizem, e parece não haver outra ofensa que tanto doa, salvo Filho de Cadela” (SARAMAGO, 1989, p. 62).

As ofensas reverberam por ambos os lados, carregando de estigma negativo a imagem do animal que mais vive e viveu entre nós: “Cão, diz o mouro, Cão és tu, responde o cristão, e ei-los que se batem com lança, espada e adaga...” (SARAMAGO, 1989, p. 62). Mas, sem reduzir a imagem dos caninos seres a tais xingamentos preconcebidos, a *História do Cerco de Lisboa* nos oferece uma reflexão sobre a presença do cão na Lisboa de hoje, não muito diferente da condição dos cães daqueles tempos de sítio. Tal ponto crítico ocorre com o cão com que Raimundo Silva se encontra por diversas vezes nas escadinhas de São Crispim, uma série de escadas com centenas de degraus que traçam um caminho estreito e tortuoso que interliga as antigas regiões cristãs com a região árabe, que é cercada pelo Castelo de São Jorge.

Enquanto descansa nas escadinhas, o revisor depara-se com um cão sem dono que se aproxima a ver se pode conseguir algum alimento:

O revisor não espera mais, desce precipitadamente as Escadinhas de S. Crispim e só para depois da curva [...] Senta-se num degrau para recobrar-se do susto, enxota um cão que se aproximara de focinho estendido, a beber-lhe os ares [...] Analisa a figura do cão, teme que esteja raivoso, mas conclui que os aparentes sinais de raiva devem-se antes à fome. [...]. O cão aproximou-se outra vez, [...] sabe-se lá se não estará raivoso, [...] um dos sinais do terrível mal é a cauda caída, e este rabo não demonstra grande vigor, mas será por causa do mau passado, que bem se lhe vêem as costelas ao bicho, e é sinal também, mas esse decisivo, a sinistra baba escorrendo das fauces e colmilhos, ora o rafeiro em presença, se saliva, será por estímulo de

um cheiro de comida em preparação aqui nas Escadinhas de S. Crispim (SARAMAGO, 1989, p. 61-62).

Nesse cruzamento temporal, Saramago ironiza a presença de um cão vadio na Lisboa moderna para nos mostrar a continuidade de suas más (porém melhores) condições de vida desde os tempos antigos da cidade: “O cão [...] não está raivoso, se fosse no tempo dos mouros, talvez, mas agora, numa cidade como esta, moderna, higiénica, organizada, até mesmo esta amostra de cão vadio é de estranhar, provavelmente tem-no salvado da rede frequentar de preferência este caminho desviado e íngreme, [...]” (SARAMAGO, 1989, p. 62).

Também o cão das lágrimas poderá figurar na lista das personagens caninas inesquecíveis de Saramago. Em muitas entrevistas, Saramago afirma ser este um de seus personagens preferidos. Tal personagem surge na famosa cena em que o cão lambe as lágrimas da mulher do médico que chorava desesperada em meio ao mundo caótico e animalesco de *Ensaio sobre a Cegueira* (1995). Nesse romance, o cão das lágrimas representa excepcionalmente todos os sentimentos ausentes nos seres humanos, como a alteridade, o amor e a esperança:

Os cães rodearam-na, farejam os sacos, mas sem convicção, como se já lhes tivesse passado a hora de comer, um deles lambe-lhe a cara, talvez desde pequeno tenha sido habituado a enxugar prantos. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo lombo encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele. Quando enfim levantou os olhos, (...) viu que tinha diante de si um grande mapa, [...] (SARAMAGO, 1995, p. 43).

Ainda sobre esse especial personagem canino, cabe lembrar que a única insatisfação de Saramago com a adaptação cinematográfica desse romance realizada por Fernando Meirelles (de 2008) foi a escolha de um cão de raça para representar o cão das lágrimas, o que não deixa de comprovar a importância que ele atribui a esse animal como um de seus personagens prediletos: Saramago “Preferia um cão rafeiro, anónimo, como anónimos são a maioria dos seus protagonistas” (DUARTE, 2012, p. 43).

Em síntese, a presença do cão nas obras literárias de José Saramago traduz bem a tensão da sobrevivência desses animais entre os humanos, bem como sua capacidade de amizade e interação emotiva, o que significa que temos muito a aprender com eles para que seja evitável o encontro com a cegueira branca da discronia que cada vez mais nos envolve.

Por fim, ao se deparar com a morte desses animais por entre as narrativas de Saramago, “o leitor sente a emoção da perda de um personagem querido e percebe o desmoronar de um mundo melhor” (DUARTE, 2012, p. 43). A partir do próximo tópico, notaremos que Saramago vive e representa as mesmas lutas pela proteção ambiental, defendendo a manutenção e crescimento dos biomas, cada vez mais ameaçados por diversos tipos de descontrolada intervenção humana.

### 3-A flora de José Saramago

Para adentrarmos nos contatos mais efetivos de José Saramago com a natureza é preciso nos deter um pouco na sua experiência de vida em Azinhaga, seu local de nascimento:

[...], a criança já havia estendido gavinhas e raízes, a frágil semente que então eu havia tido tempo de pisar o barro do chão com os seus minúsculos e mal seguros pés, para receber dele, indelevelmente, a marca original da terra, esse fundo movediço do imenso oceano do ar, esse lodo ora

seco, ora húmido, composto de restos vegetais e animais, de detritos de tudo e de todos, [...] (SARAMAGO, 2006, p. 10).

Em *As Pequenas Memórias*, romance autobiográfico publicado em 2006, é possível acompanhar os passos que o próprio autor deu ao conhecer sua pequena aldeia ribatejana onde a oliveira reinava com abundância por entre os rios Almonda e Tejo: “Atravessar sozinho as ardentes extensões dos olivais, abrir um árduo caminho por entre os arbustos, os troncos, as silvas, as plantas trepadeiras que erguiam muralhas quase compactas nas margens dos dois rios, escutar sentado numa clareira sombria o silêncio da mata [...]” (SARAMAGO, 2006, p.17).

A oliveira torna-se um forte sinal memorialístico de sua infância, antiga paisagem que resistia até a época em que o escritor era criança: “Ignoro em que altura se terá introduzido na região o cultivo extensivo da oliveira, mas não duvido, porque assim o afirmaria a tradição pela boca dos velhos, de que por cima dos mais antigos daqueles olivais já teriam passado, pelo menos, dois ou três séculos. Não passarão outros” (SARAMAGO, 2006, p. 11). No entanto, a larga produção de oliveiras de sua região foi, para a tristeza de Saramago, desaparecendo, fato ocorrido em função das regras de uma Comunidade Europeia bastante criticada, sobretudo em *Folhas Políticas*, *A Jangada de Pedra* e *Cadernos de Lanzarote*,

Desse modo, as monoculturas direcionadas à exportação foram cada vez mais dominando o seu cenário de infância rodeada de pequenos agricultores e suas produções artesanais:

Hectares e hectares de terra plantados de oliveiras foram impiedosamente rasoirados há alguns anos, cortaram-se centenas de milhares de árvores, extirparam-se do solo profundo, ou ali se deixaram a apodrecer, as velhas raízes que, durante gerações e gerações, haviam dado luz às candeias e sabor ao caldo. Por cada pé de oliveira arrancado, a Comunidade Europeia pagou um prémio aos proprietários das terras, na sua maioria grandes latifundiários, e hoje, em lugar dos misteriosos e vagamente inquietantes olivais do meu tempo de criança e adolescente, em lugar dos troncos retorcidos, cobertos de musgo e líquenes, esburacados de locas onde se açoitavam os lagartos, em lugar dos dosséis de ramos carregados de azeitonas negras e de pássaros, o que se nos apresenta aos olhos é uma enorme, um monótono, um interminável campo de milho híbrido, todo com a mesma altura, talvez com o mesmo número de folhas nas canoilas, e amanhã talvez com a mesma disposição e o mesmo número de maçarocas, e cada maçaroca talvez com o mesmo número de bagos. [...] ouço dizer à gente da aldeia que foi um erro, um disparate dos maiores, terem-se arrancado os velhos olivais. Também inutilmente se chorará o azeite derramado” (SARAMAGO, 2006, p. 12-13).

Esse lamento, de certa forma, marca a sua ligação de sempre com a árvore de oliveira que hoje, em frente à Casa dos Bicos - Fundação Saramago, em Lisboa, acolhe as cinzas do escritor. Trata-se de toda uma simbologia de sua ligação com a terra e com as oliveiras, símbolo de resistência ambiental contra as novas monoculturas - que empobrecem o solo e causam danos irreparáveis - crítica que preenche muitas das páginas escritas pelo autor

Essas oliveiras impiedosamente foram sendo substituídas por outras menores e mais produtivas, fizeram que os lagartos já não conseguissem mais se esconder. Temos aqui, por exemplo, a delicada preocupação do autor com o desaparecimento dos lagartos que se escondiam nas oliveiras da sua Azinhaga natal, uma vez substituído este tipo de paisagem por outras de caráter hegemônico pela União Europeia, causando desequilíbrio ambiental. Dessa memória da infância, reproduzida no livro *As Pequenas Memórias*, desdobra-se uma crônica intitulada “O Lagarto”, que faz parte da coletânea *A Bagagem do Viajante* (1973).

Nessa crônica, o lagarto, personagem principal, viaja de Azinhaga até Lisboa, onde se diverte em pleno Chiado, criando confusão entre os transeuntes: “Era um animal soberbo. Um pouco soerguido, como se fosse lançar-se numa súbita corrida, enfrentava as pessoas e os automóveis” (SARAMAGO, 1996, p. 77). Entre manifestações e peripécias diversas, “Oliveiras e lagartos estão, assim, vingados, ou melhor, repovoam uma cidade que parece crescer sem tempo para pensar [na natureza e] no outro. Como o mundo de Saramago” (ROQUE, 2012, p. 6).

Portanto, cabe notar que as árvores estão presentes em grande parte da obra literária de José Saramago, que tinha por elas um especial carinho. Saramago recordava os belos olivais da Azinhaga da sua infância, assim como se lembrava das figueiras: “Recordo aquelas noites mornas de Verão, quando dormíamos debaixo da figueira grande, [...]” (SARAMAGO, 2006, p. 119). Ainda em *As Pequenas Memórias*, Saramago aponta-nos as árvores do jardim dos seus avós, e entre elas destacava a grande figueira ou simplesmente a Figueira, a árvore mais veterana, e a oliveira coberta de silvas, a única árvore em que nunca subiu. Ao descrevê-las, Saramago nos ensinou que as árvores podem ser amadas e sentir-se amadas, como na cena de despedida do seu avô Jerónimo abraçando as árvores antes de morrer: “Este velho, que quase toco com a mão, não sabe como irá morrer. Ainda não sabe que poucos dias antes do seu último dia terá o pressentimento de que o fim chegou, e irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, das sombras amigas, dos frutos que não voltará a comer” (SARAMAGO, 2006, p.120).

#### **4-O silêncio das águas: memórias do rio Almonda**

A menos de um quilômetro ao sul de Azinhaga, o rio Almonda, que banha a aldeia, encontra-se com o Tejo. Esse encontro de águas ajudava a fertilizar o solo da região, como explica o próprio escritor:

[...] em tempos idos, na medida dos seus limitados caudais, [esse encontro ajudava] a alagar a lezíria quando as nuvens despejavam cá para baixo as chuvas torrenciais do Inverno e as barragens a montante, pletóricas, congestionadas, eram obrigadas a descarregar o excesso de água acumulada. A terra é plana, lisa como a palma da mão, sem acidentes orográficos dignos de tal nome, um ou outro dique que por ali se tivesse levantado mais servia para guiar a corrente aonde causasse menos dano do que para conter o ímpeto poderoso das cheias (SARAMAGO, 2006, p. 9-10).

Sua terra natal era marcada pelas cheias dos rios, rios que acabaram por lhe preencher suas memórias. Tal rica natureza não devia ser menos idílica do que os mais férteis terrenos das histórias bíblicas que chegavam recontadas às crianças de sua época. Entre as narrativas camponesas de abundancia, Saramago crescia assistindo as atividades da região se voltar quase que inteiramente para os recursos provenientes dos rios: “Desde tão distantes épocas a gente nascida e vivida na minha aldeia aprendeu a negociar com os dois rios que acabaram por lhe configurar o carácter, o Almonda, que a seus pés desliza, o Tejo, lá mais adiante, meio oculto por trás da muralha de choupos, freixos e salgueiros que lhe vai acompanhando o curso, [...]” (SARAMAGO, 2006, p.10).

No entanto, com a destruição das oliveiras e a implantação de cada vez mais vastas monoculturas, o trecho dos rios que banham Azinhaga também vão sendo afetados pelo assoreamento e pela poluição: “Olho de cima da ribanceira a corrente que mal se move, a água quase estagnada, e absurdamente imagino que tudo voltaria a ser o que foi se nela pudesse voltar a mergulhar a minha nudez da infância, [...]” (SARAMAGO, 2006, p. 15). Muitos anos depois, já adulto, Saramago escreve um poema intitulado “Protopoema” que

versa sobre esse rio, tornado humilde corrente de água poluída e malcheirosa, onde na infância se tinha banhado e navegado:

Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me aparece solto. / Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os dedos. / É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos, e tem a macieza quente do lodo vivo. / É um rio. / Corre-me nas mãos, agora molhadas. / Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem. / Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o próprio corpo do rio. / [...]" (SARAMAGO, 2006, p. 14).

Com a morte do rio que lhe apresentou a vida *in natura*, Saramago o registra em suas memórias, representando os momentos que mais lhe marcaram durante o tempo que passara em Azinhaga. Depois de passado algum tempo, o escritor percebeu que a fragilidade das árvores e dos rios faz paralelo à própria consciência humana, descentrada perante qualquer soma de lucro que veio a substituir a límpida natureza que não mais existe em sua aldeia. Sem mais a sua paisagem natal, é como se Saramago perdesse a referência direta de suas memórias, agora poluída pelos limites do tempo e do espaço que não param de se transformar. Mesmo assim, o escritor sabe que é preciso continuar lutando em prol dos animais e do meio ambiente, alargando sua caminhada por entre outros caminhos de rocha, fogo e água.

## 5-Nas trilhas de Lanzarote

Depois dos embates provocados por integrantes do governo português com José Saramago em 1992, quando impediram a indicação da obra *O evangelho segundo Jesus Cristo* ao Prémio Literário Europeu, o escritor resolveu se mudar com sua esposa Pilar Del Río para a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias, em forma de protesto. A vida numa ilha vulcânica quase sem vegetação, onde a presença do vento e do mar predominam, teve papel fundamental na vida e na produção literária de Saramago.<sup>1</sup>

Na nova casa, além de continuar a escrever muitos livros, subiu vulcões de diversos tamanhos e dificuldades, além disso passeou com os cães, levantou bibliotecas, sentou-se no jardim para ver o pôr do sol, sempre ao lado das oliveiras ainda recém-plantadas. Nas trilhas de Lanzarote percorridas com Pilar, Saramago parecia querer respeitosamente interagir ou mesmo conhecer melhor o lugar que o acolhia.

Nas palavras de Pilar, compreende-se o quanto esse novo espaço impactou José Saramago pela sua forma e destreza em se transformar geograficamente:

Em 1986 José Saramago intuiu a importância da ilha, por isso escreveu *A Jangada de Pedra*. Ainda não sabia que acabaria por fazer casa no meio do oceano, em Lanzarote, mas algo se agitava de tal modo no seu íntimo que quando visitou Lanzarote pela primeira vez, em 1991, várias pessoas o ouviram dizer «esta ilha pode ter importância na minha vida». Teve-a. José Saramago nunca se exilou de Portugal, ao contrário do que às vezes se escreve. Afastou-se, sim, de uma forma de governação incompatível com a

---

<sup>1</sup> “No tempo de Lancelotto Malocelli, o navegador genovês que participou da primeira ocupação das Canárias – e legou seu nome à ilha mais a leste, que aparece em um mapa de 1339 como «Insula de Lanzeroto Marocellus» –, ainda existiam guanches, os habitantes primitivos, que viviam na Idade da Pedra, não conheciam metais e nem construíam casas, posteriormente dizimados pelos conquistadores espanhóis. Hoje, a população é composta pelos descendentes dos colonos que chegaram a partir da conquista das ilhas pelo normando Juan de Bethencourt, a serviço do reino de Castela” (MENGOZZI, 2015, p. 44).

sua sensibilidade, mas não dos seus amigos e leitores. Também se afastou daquilo a que chamava «ruído social», tão incompatível com o trabalho de esquadrihar o interior humano, isso que não tem nome e que é o que somos, cada um de nós, como deixou dito com palavras mais belas em *Ensaio sobre a Cegueira*, o primeiro livro que escreveu em Lanzarote. A ilha é o lugar adequado para se embarcar na aventura íntima de um encontro consigo próprio e, talvez, com o outro. Pode igualmente ser, se assim se decidir, um observatório privilegiado dos desconcertos do mundo e um porto de abrigo de todos os náufragos, com os seus desesperos e anseios. A dimensão da ilha mítica parece-se muito com a Lanzarote que José Saramago construiu ao escrever vivendo (DEL RÍO, 2015, p. 17).

Segundo Pilar, Saramago não teve dificuldades nem dúvidas em se mudar para Lanzarote, porque tendo visitado a ilha antes, o escritor já amava a sua paisagem e o seu silêncio em que prepondera a presença do vento a modelar a pedra vulcânica: “Em menos de 24 horas, quando retumbava o ruído provocado pela censura do governo de Cavaco Silva, aceitou a sugestão para viver na ilha e seis meses depois já tinha em Lanzarote uma casa «feita de livros», [...]” (DEL RÍO, 2015, p. 19).

Já da janela de sua casa, José Saramago conseguia avistar uma outra ilha, a Fuerteventura, que foi o local que recebeu Miguel de Unamuno ao ser desterrado e despojado da sua cátedra na Espanha de Franco. Saramago foi visitar o memorial de Unamuno que está alocado nessa ilha:

Exposto ao duro sol, açotado pelo vento, quem nós vimos hoje em Fuerteventura foi Miguel de Unamuno. Está na encosta de um monte sobre um pedestal branco, tendo a um lado e outro um muro simples, branco também, mal rebocado, [...]. Na estrada, [...], não há nenhuma indicação de que a figura ao longe represente o homem a quem Primo de Rivera confinou aqui, em 1924, por castigo de se opor, em escritos e discursos públicos, à ditadura (SARAMAGO, 1997, p. 345-346).

Voltando à quarta maior das ilhas Canárias, Lanzarote possui 741 quilômetros quadrados de uma paisagem *sui generis*, cujos detalhes da fauna e da flora, porém, passam quase despercebidos pela maioria de seus visitantes, principalmente em função do relevo convulsionado da ilha, formado pelos restos que a terra verteu. No entanto, ruínas são meros indícios de que o tempo passou, nos lembra Saramago:

Entre a pedra e o horizonte, que está lá onde estão os horizontes, eu prefiro a pedra, o sentido da pedra, a materialidade daquilo que viveu, porque a pedra viveu. Me interessa o que veio do fundo da terra, o que se moveu, o que se queimou, a escória, a cinza, a lava. Isso que é essencial, que vem de baixo e sobre o qual andamos com uma inconsciência total (SARAMAGO *apud* MENGOZZI, 2015, p. 37).

Todavia, nessa vida cercada de rochas, é na agricultura que Saramago reconhece a vida difícil dos habitantes dos campos de Lanzarote:

A possibilidade de viver nesta ilha é estreitíssima. [...] Nesta ilha quase não chove, são sete, oito meses sem cair uma gota d’água. E não há fontes naturais, não há rios. Ao lado de cada casa foram erguidos reservatórios para recolher a chuva, e a água chegava a vir de outras ilhas, para depois ser revendida por um alto preço – hoje, a ilha conta com uma estação dessalinizadora em Arrecife. Os agricultores já não cultivam centeio, cevada e trigo como antes, pois custa menos importar das outras ilhas ou do continente. Mas cultivam produtos como batatas e cebolas – «as melhores do mundo», destaca Saramago. E continuam a cultivar as videiras que

produzem o vinho de Malvasía, manifestação maior da agricultura artesanal lanzarotenha (SARAMAGO *apud* MENGOZZI, 2015, p. 43).

Saramago explica a arte de plantar em terras rochosas como a de Lanzarote quando a terra se esconde:

A cinza é estéril, mas a 50, 60 centímetros há terra fértil. Aí a videira se enraíza e depois cresce dentro desse funil. Como não é possível retirar os milhões de metros cúbicos de cinzas vulcânicas, é preciso aprender a conviver com elas. A própria cratera, o próprio funil, protege a videira do vento, mas ainda se constrói um pequeno muro de pedra, semicircular, que se opõe ao vento e impede que as cinzas cubram a planta. Há quilômetros de pequenos muros feitos pedra sobre pedra, uma ciência da construção da pedra seca, trabalho de gerações (SARAMAGO *apud* MENGOZZI, 2015, p. 43).

Em síntese, na Lanzarote de Saramago, é impossível caminhar sobre suas pedras sem ter a consciência plena de que a ilha é constituída por uma natureza peculiar. O contato com a ilha fez o escritor perceber sua formação rochosa, onde há toda uma riqueza mineral a ser percebida e desfrutada, ponto esse, chave para descortinarmos a falta de percepção e o choque precipitado de muitos dos visitantes da ilha, que a denominam como cenário de “fim do mundo” (MENGOZZI, 2015). É o que veremos mais a fundo em seguida, nos remetendo sempre às trilhas percorridas por José Saramago, cujos registros paisagísticos foram sendo publicados nos diários de *Cadernos de Lanzarote*, registros que darão base, portanto, a nossa análise subsequente.

Saramago não economiza ao falar de sua experiência de percorrer as trilhas de Lanzarote: “Desde que nos instalamos em Lanzarote que eu andava a dizer a Pilar que havia de subir todos estes montes que temos por trás da casa, e ontem, para começar, fui-me atrever com o mais alto deles” (SARAMAGO, 1997, p. 33-34). Relata ainda o mesmo escritor quando “Uma pessoa entra por esses campos... É essa coisa da solidão, de estar só, e o vento que sopra. Senti que nesta ilha havia qualquer coisa que tinha que ver comigo. Mas tinha que ver comigo como pessoa. Não creio que tenha passado para a escrita, e disso é que estamos falando. Ou então na escrita já estava” (DIAS, 2012, p. 42).

Nessa relação pessoal de consideração e respeito por parte de Saramago pelo bioma rochoso da ilha em que habita, temos um exemplo de sincronia e respeito pela preservação da sua natureza peculiar, fortalecendo a voz que clama pela continuidade da proteção ambiental da ilha de Lanzarote das especulações imobiliárias e outros setores, visto que, como já mencionado anteriormente, o desenvolvimento não pode ser atrelado à degradação da natureza, como se isso fosse o sentido natural para o crescimento econômico. Para Saramago, o desenvolvimento e a degradação da natureza não podem coexistir, por isso ele defendia que a realização sustentável das atividades em sua ilha (bem como no mundo todo) continuasse a ser aplicada como uma forma eficaz de desenvolvimento sem o esgotamento dos recursos naturais, servindo de exemplo às outras ilhas canárias mais afetadas pela intervenção humana.

Ao longo de *Cadernos de Lanzarote*, podemos acessar os inúmeros registros do escritor acerca desses percursos, perpassando por diversas paisagens isoladas e introspectivas. Da composição desse cenário vulcânico das Canárias, segundo Mengozzi (2015), sabe-se que grandes erupções aconteceram nos séculos XVIII e XIX, principalmente entre 1730 e 1736, moldando boa parte da paisagem atual das ilhas. Atualmente, observamos que a atividade vulcânica está longe da extinção, tendo em vista a erupção que está a ocorrer ao longo de setembro de 2021 no vulcão de Cumbre Vieja, em La Palma.

Mas, apesar de estar associado a inúmeras destruições, o processo vulcânico também é responsável pelas novas formações do arquipélago. Para além dos rastros destrutivos, Saramago sabia enxergar a beleza natural dessas ilhas que possuem nos vulcões sua beleza,

bem como sua rica fonte mineral: “Ver esses vulcões, com as cores que vão do cinzento ao negro, às vezes ao vermelho, é uma beleza” (SARAMAGO *apud* MENGOZZI, 2015, p. 39), entusiasma-se Saramago, que parecia já estar adaptado à peculiar paisagem das Canárias.

Entre os momentos de escrita, Saramago sempre caminhava por aquelas terras vulcânicas: “Gosto de andar nesses campos negros, que ficam um pouco verdes por ocasião das raras chuvas, mas que logo voltam a ser cinzentos, negros, porque esta é uma terra calcinada” (SARAMAGO, *s/a. apud* MENGOZZI, 2015, p. 39). Por vezes, permitia-se um passeio de maior fôlego, indo às Montañas del Fuego, dominada pelo vulcão Timanfaya, centro dos acontecimentos cataclísmicos do século XVIII. O Parque Nacional de Timanfaya é um dos quatro parques nacionais do arquipélago espanhol e ocupa uma área de 51 quilômetros quadrados, cerca de um quarto do território. Logo à entrada, “um mar negro de lava solidificada se estende até onde a vista chega e o máximo de vegetação que se vê são líquens, de um total de 180 espécies catalogadas. Segundo os cientistas, os líquens são a base da vegetação que, no futuro, voltará a ocupar essa terra estéril” (MENGOZZI, 2015, p. 41).

Quando os meus olhos, atônitos e maravilhados, viram pela primeira vez Timanfaya, quando percorreram e acariciaram o perfil das suas crateras e a paz quase angustiante do seu Vale da Tranquilidade, quando as minhas mãos tocaram a aspereza da lava petrificada, quando das alturas da Montanha Rajada pude perceber o esforço demente dos fogos subterrâneos do globo como se eu próprio os tivesse acendido para com eles romper e dilacerar a atormentada pele da terra, quando tudo isto vi, quando tudo isto senti, achei que deveria agradecer à sorte, ao acaso, à ventura, a esse não sei quê, não sei quem, a essa espécie de predestinação que vai conduzindo os nossos passos, o privilégio de ter contemplado na minha vida, não uma, mas duas vezes, a beleza absoluta (SARAMAGO, 2018, p. 100-101).

Em Timanfaya, Saramago contacta uma natureza no estado mais selvagem, mais bruto, mais vital, como se percebe no “Islote de Hilario, local que acusa uma intensa atividade geotérmica do subsolo, com temperatura de 610° a 13 metros de profundidade, ou 140° a dez centímetros – o restaurante El Diablo, anexo, aproveita o calor da terra na preparação dos pratos” (MENGOZZI, 2015, p. 41). Nessa ilha, o ser humano aprendeu a conviver com os vulcões, extraindo o que há de melhor deles, a ponto de Lanzarote ter se tornado uma referência no equilíbrio ambiental, controlando mais rigidamente a especulação imobiliária se comparada a outras ilhas, por exemplo:

[...] Lanzarote, a ilha mais oriental das Canárias, [é] salva da aridez por uma perseverante operação de dessalinização da água do mar, salva da avidez da especulação por apertadas regras urbanísticas iniciadas por César Manrique [1919-1992]. O artista moldou amorosamente o território e deixou uma herança de respeito pela ecologia do lugar, hoje considerado “reserva da biosfera”. A marca mais óbvia está na Fundação com o seu nome, na casa onde viveu, mas também no rigoroso funcionamento do turismo em Timanfaya ou no aproveitamento espectacular dos Jameos del Agua e de outros espaços esculpidos pela natureza (DIAS, 2012, p. 37).

Saramago percorreu bem o interior desértico dessa ilha, não deixando de observar outros parques e montanhas, como a Montanha Branca, que o escritor subiu em Maio de 1993, quando tinha 70 anos:

Fui até lá acima, vê-se dali a ilha toda, de um lado e do outro, a outra costa e esta costa daqui, e o vale de La Geria, até ao vulcão do norte chamado La Corona. Foi realmente um dia de glória para mim. Não tinha o propósito de subir a montanha, fui naquela direcção, depois olhei para aquilo, subi um

bocado, 50 metros, “e se eu fosse até lá acima?”, e fui. Não é alpinismo de primeira qualidade, evidentemente, mas não é fácil porque se resvala, porque não tens onde agarrar-te, aquilo não é uma montanha no sentido habitual, com rochas, no fundo aquilo é um cone liso. Desci por outro lado, por um barranco, e descer é muito pior do que subir, escorreguei, feri-me numa mão. Entre subir e voltar a casa foram pelo menos quatro horas. Nunca mais voltei a subir mas tenho a imagem de estar num ponto alto duma ilha e poder vê-la praticamente toda. Tive a sorte – não fui com certeza a única pessoa que o fez – de, por um capricho de adolescente, ter dito: tenho de chegar lá acima. E cheguei (DIAS, 2012, p. 42).

Em Julho de 1994, Saramago volta a registrar uma de suas trilhas por Lanzarote:

Ontem (dia 15), pelas seis da tarde, depois de trabalhar desde o almoço numa conferência que terei de levar ao Canadá fui-me até à Montaña Tersa, irmã menor da Montaña Blanca, [...]. Não ia com o fito de subi-la, tanto mais que o vento soprava forte e de rajada, que é a pior maneira de ser soprado quando se caminha. Mas, quando lá cheguei, não resisti: desde o princípio do mundo que se sabe que os montes existem para serem subidos, e este, ali à espera há tanto tempo, até deixara que a erosão o cavasse e recavasse, em socacos, em fendas, em saliências, tudo para ajudar-me na ascensão. Mal parecia voltar-lhe as costas, por isso subi. O pior, como disse, foi o vento. Com os dois pés bem firmes no chão e o corpo inclinado para diante, a coisa não era nada complicada, mas quando uma perna se levantava para o pé avançar, se as mãos não tinham a que agarrar-se, digo que cheguei a experimentar algumas vezes a inquietante impressão de não ter peso (SARAMAGO, 1997, p. 328).

Por entre as montanhas de Lanzarote, Saramago é levado pelas fortes correntes de vento que sopram na ilha, deixa se levar pela sensação de leveza do corpo que o faz manter sua mente em suspenso, distante momentaneamente do círculo global dos problemas socioeconômicos, mas sem, ao mesmo tempo, se abster deles, pois essa meditação o leva justamente a si e aos outros seres, tanto aqueles ocultados pelas lavas endurecidas do vulcão quanto aqueles marginalizados pelas mazelas dos governos. Era preciso escrever e alertar cada vez mais todo o mundo sobre as naturezas que se esvaem sob nossos olhos.

Em Lanzarote, Saramago sempre estava por terminar um livro ou ensaio, mas é com prazer que roubou um tempo da literatura para acompanhar os seus ilustres visitantes a diversos pontos da ilha. Sendo assim, sua tranquilidade naquela jangada de pedra só era quebrada pelas várias visitas que recebia em sua casa: “Orgulhoso, José Saramago mostrou a sua ilha a Susan Sontag, Sebastião Salgado, Carlos Fuentes, María Kodama, entre outros” (EDITORIAL-BLIMUNDA, 2015, p. 4).

Nos *Cadernos de Lanzarote* e a muitos entrevistadores, José Saramago fala bastante dessas visitas:

Esteve cá o Mário Soares, quando viemos para aqui, em 93. Foi um gesto muito simpático que lhe agradeço, embora ao longo da vida ele e eu tenhamos tido as nossas turras. Nessa altura era Presidente da República, fui despedir-me dele, expliquei-lhe por que vinha para aqui. Ele veio dar conferências em Tenerife, aproveitou e veio visitar-me. Vinham com ele o Manuel Alegre, a Maria de Jesus Barroso, o José Manuel dos Santos. Tem vindo aqui muita gente. Estiveram cá não há muito tempo o Bertolucci, o Pedro Almodóvar, o Rodriguez Zapatero (DIAS, 2012, p. 43).

No geral, é possível perceber duas reações distintas por parte dos visitantes: enquanto alguns se sentem deslumbrados com a peculiar paisagem da ilha, outros se sentem assustados

e tristes ao tratarem o local como isento de natureza. O primeiro caso pode ser exemplificado pela visita da agente e crítica literária alemã Ray-Güde Mertin. Sua visita é um bom exemplo de deslumbramento que o passeio costumava provocar em alguns dos amigos de Saramago: “Em 31 de Março de 1999, Ray-Güde desembarcou com a família. [...]. Espero que o ambiente de Lanzarote a distraia um pouco das preocupações profissionais: dentro da cratera esfarrapada de El Cuervo, sem darmos por isso, muitas coisas tornam-se insignificantes. Um vulcão apagado, silencioso, é uma lição de filosofia” (SARAMAGO, 1999, p. 102).

A viagem parece ter cumprido seu objetivo, tanto que o escritor registra que “Toda a família partiu contente. E Ray disse-me à despedida: ‘Nunca mais te perguntarei por que vives em Lanzarote... Levo de cá as respostas todas’” (EDITORIAL BLIMUNDA, 2015, p. 4). No entanto, não raro ocorrera o segundo caso, em que muitos dos seus amigos se sentiram impactados com o aspecto extremamente rochoso do local, tomando-o equivocadamente como cenário do fim do mundo ou da vida biológica. Trata-se, por exemplo, do caso da visita da jornalista Ana Sousa Dias de meados da década de 90, quando, indo a Lanzarote entrevistar mais uma vez o escritor José Saramago, registra suas primeiras impressões sobre a paisagem da ilha: “A ilha é negra e dura, feita de lava recente, e cada planta protegida dos ventos alísios por um muro de pedra parece um milagre. Dirá Saramago que para pintar a ilha de verde basta um pouco de água, [...]” (DIAS, 2012, p. 37).

Contudo, Saramago parecia não se abalar diante de expectativas frustradas de parte de seus visitantes e sempre lhes explica os motivos de seu fascínio pela ilha: “Ao olhar esses vulcões, certas pessoas perguntarão pelas árvores, pelos pássaros a cantar... procurarão a paisagem tradicional, o cartão-postal... Eu nasci e vivi numa região na qual não faltam árvores, não faltam rios, mas sempre senti o lugar mais deserto, seco. Sinto mais a ruína, o que indica que o tempo passou” (SARAMAGO, *apud* MENGOZZI, 2015, p. 37). Saramago nos mostra que Lanzarote é, sobretudo, um reino mineral. O escritor sabe que o maior e melhor cartão-postal da ilha é a própria ilha, com suas formas que “as entranhas da Terra plasmaram” (MENGOZZI, 2015, p. 48). Eis sua principal lição dada aos viajantes da ilha: saber enxergar e cultivar a vida em todas as suas formas.

## 6-Considerações finais

Ante o exposto, resta clara e urgente a necessidade de preservação da natureza, assim como de implementação de políticas públicas efetivas voltadas para o uso sustentável dos recursos naturais. Ademais, se faz necessária, e com urgência, que a legislação existente de proteção à fauna e à flora não seja efetiva apenas no papel, mas que seja capaz de garantir à presente e às futuras gerações o direito a um meio ambiente equilibrado. Pensamos que Saramago, dada a sua trajetória biográfica e literária de preocupação com o bom trato dos animais e a preservação ambiental, apoiaria a necessidade de concretização dessa conscientização, visto que a sincronia entre a preservação e o desenvolvimento busca a garantia de um meio ambiente equilibrado para a presente e para as futuras gerações.

Por fim, defende-se aqui mais do que novas leis; o que se pretende ressaltar é a necessidade de união na preservação do meio ambiente, o que requer atitudes por parte do Estado, empresas e também da sociedade. A necessidade de desenvolvimento precisa caminhar em sincronia com a preservação do meio ambiente, uma vez que a qualidade de vida e a sobrevivência desta e de futuras gerações dependem, substancialmente, de um meio ambiente equilibrado. Por isso, com Saramago, fazemos coro para que salvemos o rio Almonda e protejamos os lagartos dos olivais!

## Referências

- AGUILERA, Fernando. **As palavras de José Saramago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BERTOLUCI, Jaime. Um cão perdido na Lisboa medieval de Saramago. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, 2020, p. 315-331.
- DEL RÍO, Pilar. “Entra, chegaste à tua casa”. **Blimunda**, n. 3, 2012, p. 45-46.
- DEL RÍO, Pilar. A intuição da ilha (Fotografias de Jorge Silva). **Blimunda**, Lisboa, n. 39, 2015, p. 24-30.
- DIAS, Ana Sousa entrevista José Saramago (Fotografias de João Francisco Vilhena). **Blimunda**, n. 5, 2012, p. 36-51.
- DUARTE, Helena Vaz. O cão, personagem dos romances de José Saramago. **Blimunda**, n. 3, 2012, p. 41-46.
- EDITORIAL. **Blimunda**, Lisboa, n. 39, 2015, p. 4.
- FAROL ECO. **Saramago** [blog]. Texto acessado em 20/07/2021 no endereço: <http://faroleco.blogspot.com/2014/01/saramago.html>.
- MENGOZZI, Federico. Saramago e Camões na ilha do fim do mundo. **Blimunda**, Lisboa, n. 39, 2015, p. 31-48.
- ROQUE, Fátima. **História, memória, viagem**: percursos do eu e do (s) outro(s) em Saramago. Conferência Literatura & Turismo, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 26 Nov de 2012.
- SARAMAGO, José. **História do Cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante** (Crônicas). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SARAMAGO, José. **A caverna**. Maputo: Nadjira. 2008.
- SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote II**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SARAMAGO, José. **Levantado do Chão**. 17.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- SARAMAGO, José. Entrevista com Pilar del Rio. Sou um grito de dor e indignação. **Blimunda**, Lisboa, n. 49, 2016, p. 84-99.
- SARAMAGO, José. **Último caderno de Lanzarote – O diário do ano do Nobel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

